



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A
ABORDAGEM DA DIVERSIDADE CULTURAL COM CRIANÇAS

DANIELLE MATOS DE HOLLANDA

Brasília – DF

2015



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

DANIELLE MATOS DE HOLLANDA

A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A
ABORDAGEM DA DIVERSIDADE CULTURAL COM CRIANÇAS

Monografia apresentada a Universidade de Brasília
(UnB) como requisito para obtenção do grau de
Especialista em Educação em e para os Direitos
Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

Professora Orientadora: Ms. Taísa Resende Sousa

Brasília – DF

2015

Hollanda, Danielle Matos.

A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
SOBRE A ABORDAGEM DA DIVERSIDADE CULTURAL COM

CRIANÇAS/ Danielle Matos de Hollanda. – Brasília, 2015.

44f. : il.

Monografia (especialização) – Universidade de Brasília,
Departamento de Psicologia - EaD, 2015.

Orientador: Prof. Ms. Taisa Resende Sousa, Departamento de
Psicologia.

1. Educação. 2. Diversidade Cultural. 3. Educação Infantil. 4.
Direitos Humanos I. Título.

A percepção das professoras da educação infantil sobre a abordagem da diversidade cultural
com crianças

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade
Cultural do (a) aluno (a)

Danielle Matos de Hollanda

Professora Mestre Taísa Resende Sousa

Professora-Orientadora

Professora Consuelo da Piedade Bernardo Ferreira

Professora-Examinadora

Brasília, 14 de novembro de 2015.

Ao meu filho, que me despertou para o tema a partir do desafio de educá-lo para a vida.

AGRADECIMENTOS

O apoio dos meus pais que possibilitaram a concretização dos meus estudos.

A escola pelo acolhimento e disponibilidade para a realização do trabalho de campo.

Ao Instituto de Psicologia por mais uma vez fomentar meu aperfeiçoamento profissional.

Educar, podemos dizer, significa ajudar a acordar, ajudar a encontrar no próprio ser o ímpeto, a saudade, a vontade de movimentar-se e buscar e descobrir, de crescer, de progredir. E educar significa também aprender a lutar, aprender a intensificar a existência e cumpri-la com decisão e consciência. Educar, basicamente, é ajudar a assumir a vida; é levar o ser a procurar e a aspirar à verdade, a sentir e chamar a luz e a força encobertas nele mesmo; fazê-lo perceber a grande possibilidade que a vida é, o que com ela recebemos, e aprender, conscientemente, a querê-la, vivê-la, dá-la. (Rolf Gelewski, s/p).

SUMÁRIO

Introdução -----	10
Fundamentação teórica-----	12
1. O Desenvolvimento Infantil e o Processo Escolar-Educacional-----	12
2. Direitos, Diversidade e Educação Infantil-----	15
3. Sociedade, Diversidade e Educação Infantil-----	16
Objetivos de pesquisa-----	18
o Objetivo Geral	
o Objetivos específicos	
Metodologia-----	19
1. Pressupostos metodológicos-----	19
2. Contextualização da escola-----	20
3. Participantes da pesquisa-----	21
4. Instrumentos de pesquisa-----	21
5. Procedimentos de construção das informações-----	22
Ações interventivas-----	23
Análise e discussão do processo de intervenção-----	26
Considerações Finais-----	30
Referências-----	32
Anexos A-----	34
Anexo B-----	34
Anexo C-----	36
Anexo D-----	37
Anexo E-----	38
Anexo F-----	39
Anexo G-----	41
Anexo H-----	42
Anexo I -----	43

RESUMO

Este trabalho aborda o tema da diversidade cultural humana especificamente em crianças de quatro e cinco anos da Educação Infantil. Visa investigar como se apresenta a questão do respeito à diversidade cultural na perspectiva dos direitos humanos na sala de aula. Tem o intuito de sensibilizar as educadoras para a importância da diversidade na formação e educação das crianças. Participaram do estudo quatro professoras da Educação Infantil de uma escola particular de Brasília. Utilizou-se como instrumentos entrevistas semiestruturadas e uma atividade imaginativa nomeada de "como se", ambas com ação interventiva. Com as observações realizadas concluiu-se que as professoras utilizavam uma metodologia naturalista ao apresentar o tema do respeito à diversidade humana em forma de projeto estruturado no início do semestre. O tema era retornado no decorrer do semestre à medida que os educandos traziam questionamento a esse respeito. Também se constatou que as questões levantadas eram mais relacionadas às diferenças existentes entre eles: tipo cabelo, sotaque, cor de pele, ou coisas que mostravam rompimento a regras ou do considerado usual como um sapato novo. Surge como hipótese final que é possível que haja um comportamento natural de estranhamento grupal quanto aqueles que divergem em atitude ou forma, posto que a subjetividade se estrutura com a construção de parâmetros de realidade e de auto-imagem. Sendo que a diversidade pode ser introjetada como positiva ou negativa. Acredita-se que é vantajoso trabalhar a temática da autenticidade versus diferença desde pequeno e no decorrer dos anos escolares. Sugere-se para confirmação da hipótese supracitada estudos detalhados e longitudinais.

Palavras-chave: Educação infantil. Diversidade Cultural. Direitos Humanos.

ABSTRACT

This work addresses the theme of cultural human diversity, especially in children between four and five years old who are in kindergarten. It aims at investigating how the issue of cultural diversity is presented in the classroom, in relation to the human rights perspective, and also at sensitizing educators to the importance of teaching the aforementioned diversity to children. Teachers of children education in a private school in Brasília took part in the study. Semi-structured interviews and an imaginative activity called 'as if' were used as means of research, both used with the means of intervention. It was observed that the teachers used a naturalistic methodology in relation to the presentation of respect for cultural diversity, by means of a structured project at the beginning of the semester. The theme was recurrent during the semester, whenever the subject was raised by the students. What was also noticed is that the issues raised were more related to the differences amongst themselves: hair type, accent, tone of skin, or even subjects that are unusual or a paradigm shift, such as a new type of sneaker. The conclusion reached is that it is possible that there is a natural avoidance behavior, as a group, in regards to some new or different behavior, seeing that subjectivity is structured with the construction of reality parameters and self-image. The difference must be introjected as positive or negative. It is believed that the theme of authenticity versus difference must be worked on from childhood to later school years. It is suggested that more detailed and cross referenced studies be conducted to confirm the aforementioned hypothesis.

Keywords: Early Childhood Education. Human Cultural Diversity. Human Rights.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado para a conclusão do curso de educação *em e para* os direitos humanos na diversidade cultural. Acredita-se que ao se falar em direitos humanos, é preciso construir desde a Educação Infantil o respeito à diversidade, por ser inerente ao humano. A partir desse contexto, buscou-se verificar de que modo educadoras da Educação Infantil apresentavam este tema amplo e abstrato às crianças em sala de aula. E, em um segundo momento, sensibilizá-las para a importância desta questão, caracterizando este trabalho como uma pesquisa-ação.

A pesquisadora descobriu a diversidade cultural aos cinco anos de idade quando vivenciou uma mudança para outro país que foi marcada pela necessidade de entendimento e adaptação a uma nova cultura – até então, desconhecida.

No âmbito profissional e acadêmico, a psicologia foi derivada da curiosidade sobre o ser humano e as diversas possibilidades de estruturação do *eu*. Assim, a carreira foi iniciada como acompanhante terapêutica de pessoas institucionalizadas, seguido por trabalhos em DST/HIV/AIDS até chegar à atuação em psicologia da saúde na atenção primária, em que trabalha há doze anos.

A perspectiva de promover saúde vem acompanhando a pesquisadora, o que foi fomentado depois do nascimento de seu filho. As diferentes áreas de experiência foram relacionadas e a importância da educação como base para uma estruturação do *eu* com mais possibilidades de adaptação às exigências da vida, no contexto da diversidade cultural.

A partir deste percurso, o presente trabalho se concretizou frente à importância do olhar para a fase inicial da escolarização (no sentido de conscientização de si e do outro, sendo este outro tudo que está relacionado ao mundo) na busca de favorecer a aceitação e o acolhimento da diversidade cultural na qual a criança está inserida e com a perspectiva de contribuir para a formação de futuros cidadãos mais acolhedores e respeitosos.

Defende-se que é na Educação Infantil que a criança adquire os primeiros preparos para o convívio social, tem as primeiras noções de valores morais e também, através de atividades apropriadas, aprimora suas capacidades cognitivas e motoras. É fundamental, então, pensar na necessidade do bom preparo do professor para que desenvolva atividades adequadas a esta faixa etária das crianças (BRASIL, 1996).

Nesse contexto, constitui como a questão problematizadora e norteadora do presente trabalho a forma como ocorre a abordagem do tema da diversidade cultural humana para crianças de quatro e cinco anos, da Educação Infantil, chamando a atenção das educadoras para a importância do tema.

A partir dessa pergunta principal, emergem outras, como: na visão do educador, como ocorre a construção do “*respeito à diversidade cultural humana*” em crianças na Educação Infantil? Quais fatores podem influenciar positivamente ou negativamente esta construção?

O trabalho justifica-se como importante por ser um tema subjetivo e abstrato, em que as crianças que se encontram na fase operatório-concreto, de acordo com o teórico do desenvolvimento humano: Jean Piaget, que será posteriormente discutido na fundamentação teórica. Nela, acredita-se que os direitos humanos precisam ser trabalhados de uma forma diferenciada em sala de aula. Além disso, é um tema transversal que perpassa vários outros temas presentes no cotidiano das crianças da Educação Infantil.

Cientificamente, acredita-se que esta pesquisa é relevante pela questão da diversidade cultural ser um assunto dentro do tema educação, que é bastante amplo. Com isso, é preciso a “formação de indivíduos aptos a conviverem naturalmente com a diversidade humana e tornarem-se sujeitos comprometidos com a igualdade” (BENTO, 2012, p. 14).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os direitos humanos deixaram o status de conceito e passaram a ser vivenciados no cotidiano das escolas. A Educação Infantil também evoluiu bastante nas últimas décadas passando a categoria de início da socialização das crianças. É nesta fase, entre quatro e cinco anos de idade, que a criança observa as diferenças entre si e os outros e inicia o processo de construção de sua forma de vivenciar a diversidade humana. A partir disso, iremos apresentar neste tópico da fundamentação teórica em três capítulos com os seguintes títulos: 1.O Desenvolvimento Infantil e o Processo Escolar-Educacional; 2.Direitos, Diversidade e Educação Infantil; 3. Sociedade, Diversidade e Educação Infantil.

1. O Desenvolvimento Infantil e o Processo Escolar-Educacional

A fim de analisar formas de abordar o tema da diversidade cultural e humana com crianças de quatro e cinco anos, no contexto da Educação Infantil, julga-se importante discorrer sobre o desenvolvimento humano, bem como a relação com a educação. Para tanto, será utilizado como referência principal às ideias de Jean Piaget.

Para o referido autor, a criança inicia a vida no estágio sensório motor, sendo descrito como “a fase em que a criança começa a mostrar aspectos rudimentares de intencionalidade e representação interna” (BEE, 1984, p.194). Além disso, não há uma diferenciação entre eu-outro, sendo fundamental a presença de um/a cuidador/a na vida do bebê.

Quando a criança nasce, inserida em um ambiente familiar e social, vai sofrendo influências e influenciando o seu meio, formando a sua subjetividade. Inicialmente, esta formação é restrita ao ambiente familiar e, em alguns casos, à creche. São dispensados a este ser em desenvolvimento cuidados básicos de higiene e estimulação, pois, nesta fase a criança é completamente dependente de outro ser para sobreviver. O vínculo com seu cuidador (mãe ou quem assume a função materna) o marcará subjetivamente e é essencial à sua sobrevivência. Este vínculo inicial ocorre de forma simbiotizada - o bebê ainda não faz uma diferenciação entre si e o outro.

No decorrer do desenvolvimento humano, algumas fases de maturação fisiológica e emocional são necessárias para se chegar ao reconhecimento de uma diferença física existente entre duas pessoas. Também é necessário conviver com outros indivíduos para que as diferenças sejam perceptíveis. Como ressaltou Skliar (2003), é no espaço entre o outro e eu

que se constitui a diferença de olhares, gestos, silêncios e palavras. O ser humano se estrutura psicologicamente identificando-se com o outro para depois dele se diferenciar.

Tomando como foco crianças de quatro e cinco anos de idade, que caracterizam os sujeitos a quem a presente pesquisa se direciona, percebe-se que elas já entendem o outro de maneira diferenciada, em casos de desenvolvimento saudável. No entanto, foi descrito por Piaget (apud BEE, 1984), que nessa fase, o pensamento é egocêntrico; sendo incapaz ainda de focar em mais de uma coisa ao mesmo tempo; o pensamento também é irreversível e o raciocínio é primitivo. Ou seja, a criança vivencia tudo somente a partir de sua perspectiva, e tem o raciocínio indutivo. É difícil compreender que existem ideias e os sentimentos são diferentes dos seus. Estas constatações trazem limitações em relação ao entendimento do mundo e, conseqüentemente, a apropriação do conceito de diversidade cultural e humana.

Entendendo que a escola ou a creche são instituições fundamentais na nossa sociedade ocidental letrada, em que é possível vivenciar experiências de diversidade cultural, acredita-se ser importante, além de compreender algumas características do desenvolvimento humano, entender o processo educacional.

Para Pulino (2014), a educação é um triplo processo de humanização, de socialização e de culturalização. Como consequência, nos socializamos e nos reconhecemos em uma cultura. Este processo nos organiza enquanto seres humanos dotados de subjetividade, de um ego e de uma história.

À medida que o ser humano se desenvolve, entende-se que a construção do conhecimento vai acontecendo por meio da observação e reflexão crítica. Retomando os preceitos de Piaget sobre a assimilação e acomodação, compreende-se que a “assimilação é o processo de incorporação de novas experiências ou informações e a acomodação é o processo de modificação de suas ideias em função de uma nova experiência” (BEE, 1984, p.191).

Desse modo, o conhecimento é construído pelo sujeito em um processo dinâmico, único, em que as associações são sistematizadas por meio da linguagem. A escola, além de promover a socialização do indivíduo, atua como espaço de troca, aquisição, organização e prática do conteúdo formal apreendido.

A educação deve ser para os alunos uma experiência que pode proporcionar uma transformação, que desenvolva sua criatividade, possibilitando que o educando se liberte da opressão social. O aluno deve ser ativo no processo educacional e segundo Cavalcante:

o professor é o mediador do processo de busca de conhecimento do aluno, organizando e coordenando as situações de aprendizagem, adaptando suas

intervenções às características individuais dos alunos para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais. (2008, p. 1)

O conteúdo precisa ser embasado no material didático e deve ser possibilitado ao aluno a aplicação desse conhecimento de forma prática. Ensinar o aluno a produzir novos conhecimentos e a questionar a sua realidade estimulando a curiosidade são os preceitos do método construtivista de ensino cujo um dos precursores foi Piaget.

Fazendo uma breve retomada histórica, nota-se que desde Froebel apud KUHLMANN JR, (2000), a história da educação infantil anuncia propostas que dizem acompanhar ou favorecer o desenvolvimento da criança. Acredita-se, portanto, que o processo educacional pode ser construído de modo constante que possibilita o crescimento humano no seu entendimento enquanto ser no mundo. Essa construção ocorre tanto com o professor quanto com os alunos, por meio da interação social.

Assim sendo, o ensino pode ser colocado como uma troca, como um momento facilitador daquele conhecimento. Como, por exemplo, o aluno pode inspirar seu professor outra forma de abordar um determinado conteúdo de acordo com sua cultura, sua história de vida.

Acredita-se, então, que o educador desempenha um importante papel na relação pedagógica com a criança. Ele é a referência, podendo ser um modelo de identificação, um outro com quem aquela criança se vincula e concomitante, também serve de facilitador das experiências educacionais e emocionais da criança. Entende-se, com isso, que o professor tem papel fundamental na aquisição de conhecimentos e este deve ser sensibilizado e empoderado desta construção conjunta que realiza com as crianças na tarefa de contribuir para a construção de seu *vir-a-ser* no mundo.

Uma mudança de paradigma ocorre quando um docente se permite sair desta posição e coloca-se no lugar de seus alunos. Algumas questões surgem com este exercício de troca de posições: Qual a melhor forma de transmitir um conteúdo? Como gostaria de assimilar o conteúdo? Como posso facilitar meu encontro com os alunos? Como aprimorar o encontro educacional? O que muda, mudando o ângulo em que se olha e se aborda uma questão? Talvez a sensibilidade e o cuidado com o qual aquele assunto será abordado em sala de aula facilitando assim, a aceitação da diversidade de opiniões.

Para tanto, acredita-se que a escola constitui um lugar privilegiado de acolhimento ao novo (PULINO, 2015), podendo abarcar e discorrer sobre tantos assuntos, bem como vivenciá-los na construção de uma *práxis*. Nesse sentido, é possível também criar um espaço propício para a manifestação e para a fala sobre a diversidade humana e cultural.

2. Direitos, Diversidade e Educação Infantil.

Antes de discorrer sobre direitos e diversidade, no âmbito da educação infantil, faz-se necessário entender o conceito de diversidade cultural, que está relacionado à variedade de práticas culturais e ideais expressas em determinados locais. No entanto, a diferença cultural pode vir a ser transformada em desigualdade social à medida que um estilo de vida sobrepõe o outro no intuito de dominá-lo, instalando uma relação de poder desigual (NASCIMENTO, DELMONDEZ, 2015).

Essa diversidade cultural transformada em desigualdade social é uma realidade da história do povo brasileiro. O domínio do branco europeu durante fases críticas do desenvolvimento do país instalou a desigualdade. Inevitavelmente, a cultura predominante pautou-se na exclusão de outras formas de viver. Trazendo o não branco a situações de pouco acesso a estudo, cultura, lazer, dentre outras (SOUSA, 2015).

Por meio de um processo histórico-social-cultural, as desigualdades sociais se vincularam a diversos outros fatores como a cor, a religião, o local de moradia, aos fatores monetários e políticos, ao sexo, o que precisa ser problematizado. As diferenças em relação ao modelo idealizado do branco europeu tornaram-se também parte da cultura deste país. É necessário, portanto, outro olhar para essa relação que não deve ser mais de exclusão. Assim, movimentos de inclusão tornaram-se marcantes para proporcionar uma diminuição dos conceitos pré-estabelecidos (SOUSA, 2015).

Nesse movimento social de inclusão, que se fortificou após a Constituição Federal de 1988, foram criadas algumas leis na busca de equalizar as diferenças e proporcionar o respeito aos direitos humanos, sendo um deles a inclusão de creches e do Ensino Fundamental no sistema de ensino. Apesar disso já ter provocado avanços na área de Educação Infantil, como a elevação do nível de formação dos seus educadores, necessita de avanços.

Nessa posição se colocam as novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em 2009 (Parecer CNE/CEB no 20/09 e Resolução CNE/CEB no 05/09), que representam uma valiosa oportunidade para pensar como atuar junto às crianças a partir dos novos parâmetros do processo de ensino e aprendizagem.

Ademais, outros documentos sobre uma nova forma de educação foram criados e estão sendo colocados em prática como a Lei nº 12.796, de 2013 que preconiza:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade;

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade.

Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Percebe-se que a concretização, em forma de lei, dos direitos e dos deveres das crianças e dos cidadãos são importantes como uma garantia legal ao cidadão e também servem de alerta para que elas sejam colocadas em práticas assim como a questão dos direitos humanos.

3. Sociedade, Diversidade e Educação Infantil.

A diversidade humana está presente em todos os seguimentos da sociedade. Introduzir a importância do respeito à diversidade na educação da população brasileira foi uma das formas utilizadas para trazer os direitos humanos de uma história longínqua e impessoal para fazer parte da nossa construção cotidiana, como Bilac (1995) aponta:

A sociedade se desenvolveu e determinou novos padrões de valores como a incorporação de métodos contraceptivos, a diminuição do número de filhos, consequentemente, a redução da estrutura familiar; a maior inserção da mulher no mercado de trabalho, mudanças na divisão de tarefas domésticas; a incorporação do discurso médico-higienista; a insegurança na maneira de educar, a exigência de profissionais qualificados; a acentuada importância do papel econômico dos pais na manutenção da família, para a garantia de educação dos filhos e seu futuro; a ida precoce das crianças à escola e aumento da escolaridade da população; o maior intercâmbio entre crianças devido a espaços domésticos menores; a grande influência da mídia, com a presença constante da TV, delineando padrões de comportamento, pouca conversa e convivência; inserção por mais tempo dos jovens, dependente da família, principalmente pelo tempo gasto na educação formal; menos punições e mais incentivos (BILAC, 1995, p. 79).

Além disso, é possível perceber ainda que a diversidade está presente em todos os momentos de encontros subjetivos com o outro. Está presente no discurso, nas reflexões, no cotidiano. A diversidade cultural está presente nas diferenças, nos desencontros enfim, no convívio com o outro. E o que marca esse outro como outro indivíduo é exatamente a diferença. Essa mesma diferença tão discriminada e, ao mesmo tempo, tão necessária. O que seria do *eu* sem o *outro*?! Acredita-se que a constatação de uma diferença (de raça, cor da pele, nível educacional, sexo, dentre outras) não deveria levar pessoas a comportamentos de exclusão.

Percebe-se que no campo da educação escolar, as diferenças estão presentes diariamente na sala de aula, no entanto, o conteúdo programado para ser ensinado é direcionado

“massivamente” aos alunos de uma determinada série. Não existem muitas nuances que possibilite a aprendizagem individual do conteúdo, respeitando o tempo subjetivo de cada aluno e as diferentes formas e possibilidades de aprendizagem.

O processo educacional é composto por uma multiplicidade de fatores. O professor tem um papel fundamental nesse processo e, por esse motivo, deverá frequentemente refletir sobre si e sua relação com o mundo e o que disto é repassado aos seus alunos. Portanto, conceitos ligados ao tema dos direitos humanos devem ser elaborados no intuito de aceitação da diversidade na constituição da subjetividade humana (SOUSA, 2015).

Acredita-se que a escola é uma instituição social de fundamental importância na vida do ser humano. Após a família, é o principal pilar de estruturação por ser de frequência obrigatória. Então, é preciso ensinar à escola conceitos-chaves e positivos como a prática de acolhimento ao diferente, o que é tão essencial à convivência humana e tão pouco estimulada. Ela traz benefícios, pois trata a questão da diferença sem fixar em conceitos negativistas como a exclusão do outro. A construção de uma prática de esclarecimento da escola sobre a importância da aceitação das diferenças individuais pode ser pautada na ênfase a tolerância em todos os seus espectros (NASCIMENTO; DELMONDEZ, 2015).

Portanto, conclui-se, com a escrita dessa fundamentação teórica, que se faz essencial um novo olhar sobre a questão da diferença e da diversidade cultural, sendo também necessária uma nova forma de fazer a educação no cotidiano da sala de aula (PULINO, 2015).

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar formas de abordar o tema da diversidade cultural humana com crianças de quatro e cinco anos, da Educação Infantil, de uma instituição particular de ensino.

Objetivos Específicos

- Compreender como ocorre a inserção do tema dos direitos humanos na Educação Infantil;
- Identificar como as professoras apresentam e trabalham esse tema no cotidiano da sala de aula;
- Sensibilizar as educadoras para a diversidade cultural na sala de aula.

METODOLOGIA

1. Pressupostos metodológicos

Esta pesquisa é um estudo empírico que se utiliza da metodologia qualitativa para fazer a análise das informações que foram construídas nos dois momentos de intervenção. A escolha por este formato ocorreu pela subjetividade presente no tema da pesquisa, uma vez que “a pesquisa qualitativa procura preservar a realidade acima do método” (DEMO, 2001, p.10).

A pesquisadora escolheu este campo de pesquisa por ser o local que frequenta como mãe de aluno. Desta forma, já havia o vínculo com duas professoras da instituição o que facilitou o acesso e a aceitação da pesquisa por parte da escola. Observou-se também certa preocupação da escola em aparentar bom domínio do conteúdo a ser abordado na intervenção. Com esse tipo de pesquisa buscou-se obter uma melhor compreensão do fenômeno da diversidade cultural humana.

A metodologia descritiva escolhida foi proposta por Frederick Erickson em 1986 com muita aceitação. É composto por três etapas: formulação de hipóteses, a revisão das evidências para estabelecer a confirmação ou a negação das asserções checando, assim, sua validade e a reformulação das asserções, se necessária (KUDE, 1997).

Neste trabalho foi necessária a revisão e modificação de uma variável com o decorrer do trabalho interventivo. A variável redimensionada foi o conceito de diversidade. Este termo é muito amplo e precisou ser melhor delimitado para a segunda intervenção sendo necessária sua especificação como diversidade cultural do humano. Essa mudança teve impacto na escolha do objeto usado na intervenção em duplas.

2. Contextualização da escola

A instituição em que a pesquisa foi realizada é de caráter privado, sem fins lucrativos e que tem por objetivo a execução de projetos de caráter técnico e especializado. O atendimento é voltado para crianças de quatro meses a seis anos. A escola não trabalha com a inclusão de alunos com necessidades específicas, mas é referência no atendimento de crianças oriundas de outros países. Oferecem cuidados básicos, atividades de estimulação e recreação para favorecer todos os aspectos do desenvolvimento.

A Educação Infantil é coordenada por uma equipe interdisciplinar, composta por pedagogas, psicólogas, pediatra, nutricionista, auxiliar de enfermagem, recreadores, educadores e equipe de apoio. Todos os profissionais são especializados e visa o bem-estar

da criança. Também, prioriza-se a comunicação com os familiares, promovendo a integração entre a escola a família e a criança.

Além disso, a Educação Infantil é composta por dois períodos. O primeiro período é de crianças entre quatro e cinco anos e o segundo período é formado por crianças de cinco e seis anos. São oito salas que compõem o ensino infantil, quatro salas de cada período. Cada sala possui uma professora e uma auxiliar, além de auxiliares volantes que fazem o apoio destas salas quando uma das educadoras precisam se ausentar. Cada sala tem o limite máximo de vinte crianças.

Essa instituição busca contribuir no processo de aprendizagem de crianças, por meio do método natural com o objetivo de favorecer o desenvolvimento pleno, integral e harmonioso da criança, empregando o domínio gradativo e prazeroso do conhecimento, como elemento fortalecedor da inserção social. Em conjunto com o Método Natural, também são utilizados os estudos de Piaget e Emília Ferreiro por permitem que a própria criança possa construir e estruturar seus conhecimentos.

O currículo da Educação Infantil desta instituição é resultante de todas as atividades oferecidas à criança, com o objetivo de promover o seu desenvolvimento e sua integração social. A grade curricular da escola é baseada nos parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, desenvolvendo atividades integradas, respeitando o tempo de aprendizagem de cada criança, seu desenvolvimento psicomotor e sua criatividade.

Todas as rotinas da criança da Educação infantil são experiências envolvidas na formação subjetiva dos educandos. Com as atividades construídas em formato de projeto a criança é estimulada a ver, tocar, ouvir, cheirar, saborear, falar. A rotina da sala de aula envolve chamada, hora das novidades, janela do tempo, calendário, ouvir histórias, atividades variadas relacionadas ao conteúdo preconizado pelo currículo escolar.

A infraestrutura para as crianças é muito boa com uma grande área verde e três tipos de parquinhos, cada um priorizando a estimulação de diferentes áreas de desenvolvimento. A biblioteca infantil e outros recursos de comunicação e informação são materiais de apoio das educadoras como livros e filmes. Utiliza-se sucatas com frequência para desenvolver as atividades. Estas são adquiridas com a colaboração dos pais dos alunos.

Os profissionais são constituídos por professores, pedagogos, por auxiliares que cursam pedagogia sobre a orientação da Coordenação Pedagógica. A Coordenação Técnica verifica como está se desenvolvendo o aprendizado das crianças, observando as dificuldades e os avanços desse processo, para que o educador/professor possa adequar o ritmo às diretrizes do planejamento curricular.

As crianças em sua maioria são de classe média alta e a escola possui convênio com alguns órgãos públicos. Grande parte dos alunos tem condições semelhantes de vida: pais casados, pele branca, bom nível sociocultural. As crianças bolsistas são os filhos dos funcionários da escola.

A educadora tem o papel de promover o contato com os estímulos que irão favorecer desenvolvimento da criança baseado em vínculos de base oral e afetiva, que encorajem a criança a explorar o mundo de coisas ao seu redor e a adquirir hábitos que a tornem independente. Neste processo são trabalhados noções sobre os temas: democracia, cidadania e de direitos humanos, favorecendo a socialização.

3. Participantes da pesquisa

Participaram dessa pesquisa quatro professoras do primeiro período da Educação Infantil. A entrevista e a intervenção ocorreram com todas as professoras do primeiro período, isto é, duas da manhã e duas que trabalham à tarde.

Essas professoras já tem algum grau de amadurecimento pela idade ser acima de trinta anos; nenhuma professora é recém-contratada; e 80% tem pós-graduação. Todas se identificaram como do sexo feminino, todas formadas em pedagogia. Tempo de contratada na escola varia entre dois e oito anos e o tempo de atuação é de três a quatro anos no ensino do primeiro período da educação infantil (faixa etária de quatro e cinco anos).

4. Instrumentos de pesquisa

O instrumento utilizado para a construção da conclusão deste trabalho foi um roteiro de entrevista semiestruturada composta por oito perguntas (Anexo A). O tempo médio de cada entrevista foi de vinte minutos, deixando claro o sigilo das informações bem como os nomes das participantes.

Além das entrevistas, foi realizada uma segunda intervenção (Anexo B) de aproximadamente quarenta minutos com as mesmas professoras mas, desta vez, em duplas – às duas da manhã e às duas da tarde juntas. A proposta foi apresentada a coordenadora e, em seguida, agendada a aplicação da proposta nas duplas de professoras no formato de entrevista com exercício imaginativo.

Nessa, foi utilizado o livro da UNICEF: *Escolas como a sua: Um passeio pelas escolas ao redor do mundo (2007)*. Esse livro descreve em cada página a vida de uma criança e como é a escola dessas diferentes crianças dos cinco continentes do mundo. Com a escolha de uma criança relatada no livro e a leitura da história educacional daquela criança naquele

país (Anexos F, G, H e I) questionou-se como seria para a professora receber aquela criança escolhida em sua atual sala de aula. Em seguida, como seria chegar nesta sala de aula se elas fossem aquela criança escolhida. Os relatos fluíram intercalados com algumas pontuações e esclarecimento da pesquisadora sobre o intuito das questões a serem respondidas.

5. Procedimentos de construção das informações

Inicialmente foi realizada uma reunião com a coordenação da escola para explicação da pesquisa e solicitação de autorização para a intervenção, mediante a assinatura do Termo de Apresentação da pesquisadora para a instituição (Anexo C).

A coordenação da escola solicitou que não houvesse intervenção com os alunos. Dessa forma, as informações foram construídas com quatro professoras da instituição, por meio da entrevista semiestruturada, que foi agendada individualmente com cada uma delas, a partir de sua disponibilidade, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D).

Na segunda fase de intervenção com as professoras, o objetivo foi sensibilizá-las para a importância do tema da diversidade humana e cultural e permitir uma reflexão mais aprofundada sobre a abordagem do tema para crianças de quatro e cinco anos da instituição em que trabalham. Esta fase teve a duração de dois dias e ocorreu no mesmo ambiente da intervenção anterior.

A proposta foi apresentada à coordenadora e, em seguida, agendada a aplicação da proposta nas duplas de professoras no formato de entrevista. Deixei o livro escolhido para trabalhar o tema com a coordenadora no intuito de que cada educadora pudesse, no horário livre, escolher com cuidado e tempo uma das crianças descritas no livro da UNICEF: *Escolas como a sua: um passeio pelas escolas ao redor do mundo*.

As informações foram registradas por meio de gravação de áudio e posteriormente transcrição do que foi relevante para a pesquisa.

ACÇÕES INTERVENTIVAS

Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com as educadoras do primeiro ano do ensino infantil no intuito de construir informações sobre a forma como o tema da diversidade humana é apresentado durante o ano letivo, em sala de aula.

Este processo foi iniciado com o contato com as coordenadoras da escola que centralizaram o processo na coordenadora da educação infantil. Para ela, foi apresentado o projeto de pesquisa, seus objetivos, entregando a carta de apresentação da pesquisadora. Em um segundo contato foi informado os dias e horários de disponibilidade das professoras. Escolhidos os horários, foram realizadas as entrevistas individuais. Todas solicitaram acesso às perguntas da entrevista antes de iniciá-la. Em seguida, foram informados dados pessoais das educadoras e realizadas as oito perguntas conforme previsto.

As entrevistas ocorreram no período em que as crianças estavam em atividades fora da sala de aula. Duas entrevistas ocorreram na sala da coordenadora e duas, por solicitação das próprias entrevistadas, ocorreram na sala de aula.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio para posterior transcrição. Percebeu-se uma pequena resistência inicial das entrevistadas em relação a essa gravação, o que foi sendo modificado durante a realização da pesquisa.

As informações foram construídas durante duas semanas nos horários de descanso das educadoras. Duas entrevistas ocorreram no período da manhã e duas no período vespertino totalizando cem por cento das professoras desta escola que lecionam o chamado primeiro período. As entrevistas tiveram duração média de trinta minutos e foi composta por oito perguntas subjetivas. Ao final, foi pontuada a atual motivação observada nas educadoras pelo seu trabalho e realizado agradecimento por ter colaborado com a pesquisa.

A segunda fase de entrevistas ocorreu após a apresentação da nova proposta a coordenadora do ensino infantil, entregue do material para sua análise, leitura da intervenção com abertura para críticas e sugestões e agendamento das entrevistas com duplas de professoras no prazo de uma semana. As professoras escolheram antecipadamente uma criança do material deixado com a supervisora e foram para a intervenção que foi novamente gravada em áudio pela pesquisadora. A entrevista foi realizada em duplas com as professoras da manhã e, outra, com as duas professoras da tarde. Foi solicitada a assinatura de um novo termo de ciência e livre consentimento (Anexo E). Teve início com um *rapport* para uma primeira aproximação, criando um ambiente de descontração, para posterior introdução do tema, seguido por uma dinâmica imaginativa nomeada de “*como se*”.

A intervenção teve o objetivo de sensibilizar as educadoras para a importância do tema da diversidade humana e cultural e permitir uma reflexão mais aprofundada sobre a abordagem do tema para crianças de quatro e cinco anos da instituição em que trabalham. Esta fase teve a duração de dois dias e ocorreu no mesmo ambiente da intervenção anterior. O livro escolhido para trabalhar o tema foi solicitado à coordenadora no intuito de conhecer a escolha de cada educadora e fazer uma releitura inicial de cada criança escolhida no livro da UNICEF: *Escolas como a sua: um passeio pelas escolas ao redor do mundo*.

Este livro em especial cumpre o papel de proporcionar conhecimentos sobre as escolas e seus alunos de todos os continentes. Também permitiu não só a realização de uma intervenção, mas também viabilizou a possibilidade de ser convidado para uma “viagem cultural”, pois ao ler e escolher uma criança de algum lugar do mundo a professora foi sugestionada a sair do seu lugar, e habitar outros tempos e outros espaços. Assim, segundo Pulino (2014), assume-se uma postura crítica, reconhecendo a existência de múltiplas culturas, de diferentes possibilidades de pensar, sentir e agir.

A abordagem inicial desta fase ocorreu com entrevistas em duplas, no período da manhã e durou cinquenta minutos. O *rapport* inicial foi bastante extenso e rico em experiências e exemplos pessoais trazidos pelas educadoras. Em seguida, a pesquisadora perguntou qual criança citada no livro que foi escolhida por cada professora. Assim, para iniciar o “*como se*” a primeira questão foi analisar de que forma estas educadoras receberiam as crianças escolhidas em sua atual sala de aula imaginando que elas chegaram para estudar naquela escola.

A atividade de intervenção do “*como se*” é uma estratégia de trabalho da psicologia social que possibilita trabalhar a empatia com o se colocar no lugar do outro. É uma habilidade de comunicação. Durante este exercício é possível visualizar as questões cotidianas por outro ângulo e, assim, com mais crítica em relação ao seu comportamento. Assim, justifica-se o uso deste formato para facilitar a sensibilização das educadoras em relação à importância do tema da diversidade cultural e dos direitos humanos.

A outra questão é como seria se as professoras fossem essas crianças escolhida no livro e a pergunta é como ela gostaria de ser recebida nesta sala de aula (Anexo B). A entrevistada E escolheu uma criança que tem a história semelhante à dela – criança chamada de Maria que reside no Peru (Anexo F). E a entrevistada S escolheu uma criança da África por ser menos favorecida economicamente – criança de nome Fundi residente na África do Sul (Anexo G). As outras duas educadoras escolheram crianças do Brasil (Anexo H e I). Foi

contado pelas educadoras a história das crianças e as peculiaridades de suas realidades. E as professoras enriqueceram o momento acrescentando experiências individuais.

Os casos concretos citados enriqueceram os relatos, por ser uma forma de transformar algo teórico em uma situação já vivenciada e, assim, dar um sentido real, concreto ao que foi exposto seguidamente na dinâmica do “*como se*”. Enfatizou-se a valorização das experiências e os aprendizados enquanto professoras.

Esgotado este momento, a pesquisadora lançou a primeira questão para as educadoras: de que forma você, enquanto professora, receberia esta criança estrangeira, escolhida por você, em sua atual sala de aula? As respostas ocorreram alternadamente e, ao final, a outra pergunta foi lançada: como seria se você fosse essa criança escolhida no livro e chegasse para estudar nesta escola, como (você enquanto essa criança) gostaria de ser recebida na sala de aula? Essa resposta foi mais reflexiva para uma das professoras que sinalizou a dificuldade de se colocar no lugar de outra pessoa, de uma criança.

As intervenções em duplas foram encerradas com agradecimentos pela participação e com a promessa de retornar a escola para dividir os resultados do trabalho realizado.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

A fim de alcançar os objetivos propostos e a partir da fundamentação teórica deste trabalho, serão apresentadas adiante algumas categorias criadas para auxiliar na compreensão do tema, juntamente com as interpretações da pesquisadora.

1. Formas de abordagem sobre assunto da diversidade com as crianças em sala de aula

A sala de aula foi escolhida como base para este estudo por ser um lugar rico de possibilidades: de conhecimento, de comportamentos, de troca, de novas maneiras das pessoas se relacionarem, ambiente diferenciado do familiar, dentre outros. Pulino (2014) coloca a sala de aula da *escola cidadã* como um espaço onde os alunos e os professores são um patrimônio da humanidade, um legado de gerações passadas e propicia a troca de conhecimento, um lugar onde há a contextualização dos alunos e ressignificando os conteúdos didáticos. A autora traz a concepção da sala de aula como uma comunidade!

As quatro professoras, na primeira entrevista, relataram utilizar o método educacional na qual a escola se baseia para apresentar o tema aos alunos na sala de aula. Elas apresentam-o inicialmente de forma estruturada em projetos no início do semestre letivo, com a duração de uma semana e, conforme o assunto surge na fala e/ou no comportamento das crianças elas retomam o assunto já ministrado. Estas abordagens ocorrem durante todo o período escolar. Verificou-se uma uniformidade nos relatos em relação a quando surge uma necessidade levantada por algum aluno este tema é reapresentado conforme os relatos: *“no concreto, se estivermos trabalhando o tema folclore, o saci, por exemplo, eu vou explicar que o saci tem somente um membro, mas que no dia-a-dia existem pessoas assim também”*; *“tem o projeto e eu trabalho diariamente, é um trabalho cotidiano”*; e *“a gente não especifica prazo para ser trabalhado. Ao longo do ano você passa por situações que levam a esse tema. Constantemente acontecem situações na sala que nós temos que parar um momento e focar neste assunto”*. Essas são técnicas utilizadas para proporcionar às crianças um melhor entendimento daquele tema.

Relataram, conforme previsto antes da entrevista, que o tema da diversidade está constantemente presente entre as crianças em sala de aula. Percebeu-se essas questões em algumas falas das professoras, como: *“então eu vou baseando a atividade de acordo com a vivência e com eles a técnica que mais funciona é o desenho”*; *“ (...) uma grande roda onde todos vão interagir e conversar sobre o tema ou conto uma nova historinha”*; *“ (...) procura uma história, um livro sobre o assunto, faço uma rodinha e vamos conversar sobre aquilo”*;

“Às vezes resgato o livrinho: ‘jeito de ser’. Também passo vídeos e vou trabalhando o concreto mesmo com perguntas”.

A colocação de Pulino (2014) ressalta as especificidades desse processo de construção do conhecimento, em sala de aula: “mesmo sendo mais lento, proporciona que os/as alunos/as, individualmente e/ou em grupo – o que enriquece o processo –, sintam-se sujeitos da produção do conhecimento, e não meros ouvintes do professor ou da professora” (p.2).

Com isso, problematiza-se a necessidade de se abordar o tema de diversidade humana e cultural no cotidiano das crianças, de forma rotineira. Não são necessários apenas projetos pré-estruturados e estabelecidos, antecipando aquilo que pode ser dito pelas crianças, mas sim, uma postura de abertura e de acolhimento ao que a criança expressa e fala, construindo uma escola que abraça e abarque toda e qualquer diversidade, encarando o processo educacional como uma *práxis*, acolhendo e recebendo o sujeito com suas singularidades, como foi apontado por Pulino (2014).

Outra colocação muito interessante foi realizada após o término da entrevista e refere-se ao exercício de trocar de posição não somente na intervenção imaginativa como também no dia a dia. No modo de olhar a criança que vem de outro ambiente cultural: *“gostaria de acrescentar que não é só o que a gente vai apresentar a aquela criança, mas também aproveitar um pouco o que ela vai trazer pra gente. O que ela também vai ensinar. Um ambiente diferente, uma realidade diferente...”*.

2. Concepções sobre a diversidade para as educadoras

Ressalta-se o sentido de diversidade relatado por todas as educadoras, como sendo: *“respeito”*. Esta palavra foi trazida como equivalente à diversidade, uma vez que *“o que todo mundo tem que ter, o respeito como um todo”*.

Todas as entrevistadas relataram que apresentam e trabalham o tema da diversidade humana e cultural ao longo de todo ano letivo. Com isso, o presente trabalho questiona como ocorre a abordagem deste tema em sala de aula.

Observou-se por meio das entrevistas que a assimilação dos conteúdos ocorre em processos e após ser apresentada a criança no início do ano em forma de projeto ele é rerepresentado no cotidiano da sala de aula cada vez que uma criança traz o tema à tona. Dessa forma, as professoras informaram que observam a aquisição destes conceitos pelos alunos com o decorrer do ano letivo a ponto de um aluno intervir no comportamento ou na fala do outro pontuando o conteúdo aprendido: o respeito à diversidade do ser humano e suas

diferentes formas de se expressar no mundo. Isso pode ser verificado nas seguintes falas das educadoras: *“quando eu ensino e eles compreendem perfeitamente bem um ajuda ao outro. Por exemplo... Eles mesmos trazem para o coleguinha o respeito ao outro”*; *“a gente inicia o tema e eles mesmos terminam”*; e *“também tem a regrinha de se respeitar o próximo e sempre que um não cumpre esta regra o outro mesmo fala a regra. Eles já sabem o conceito de respeito, acho que os pais também ensinam em casa”*.

É importante salientar os temas de diversidade trazidos pelas educadoras que ocorreram na sala de aula delas. Os relatos apontaram para o estranhamento por parte das crianças do que é diverso do seu habitual, de sua rotina e as professoras relataram que principalmente nas meninas parece estar mais ligado a aparência externa.

No entanto, o que marca a diversidade nessas crianças pode ser observado nos relatos abaixo: *“Uma criança trouxe o fato de o seu cabelo ser todo cacheados”*; *“outro tema que tivemos que trabalhar foi os colegas apontaram que uma aluna era a menorzinha da turma”*. Foi observado também a diversidade presente nos valores familiares constatado com as falas a seguir: *“(...) tem família que beija na boca e outras que não aceitam isso”*; *“a gente não trabalha a religião por que a escola não permite, mas a gente trabalha a cor, dos traços, o cabelo, a pele, que é uma maior e outra menor (tamanho)”*.

3. Desafios em abordar o tema da diversidade com as crianças

Antes de adentrar na discussão sobre dificuldades e desafios de se abordar o tema da diversidade com crianças, é importante salientar os temas de diversidade trazidos pelas educadoras que ocorreram na sala de aula delas. Os relatos apontaram para diversidades do humano que parecem ser bem aceitas no adulto e, no entanto, é o que marcam essas crianças nos relatos abaixo: *“Uma criança trouxe o fato de o seu cabelo ser todo cacheado”*; *“outro tema que tivemos que trabalhar foi os colegas apontaram que uma aluna era a menorzinha da turma”*. Foi observada também a diversidade presente nos valores familiares constatado com as falas a seguir: *“tem família que beija na boca e outras que não aceitam isso”*.

A dificuldade mais relatada foi em relação ao tema da religiosidade: *“o tema da religião eu não posso falar na sala aí eu tento tirar daquele foco”*. Essa dificuldade é potencializada pelo fato da escola não pregar uma religiosidade. A formação neste aspecto fica na dimensão dos valores familiares, entretanto, aparece no cotidiano das crianças.

A pergunta sobre a reação mais frequente observada nas crianças ao se tratar do tema da diversidade foi respondida que inicialmente há um incômodo e desconfiança por parte das

crianças no primeiro momento. Depois, curiosidade e, depois de trabalhado o tema, demonstram aceitação.

Outra dificuldade pontuada e importante ser salientada por uma educadora é em relação ao modo de colocar este conteúdo para as crianças, pois é necessário usar um vocabulário simples e compreensível: *“A dificuldade que eu percebo é a linguagem”*.

Durante a intervenção ficou claro uma resistência de algumas professoras em relação ao desconhecido. Isso foi percebido na escolha por dois exemplos de crianças do Brasil frente a várias outras possibilidades de escolha. No relato justificaram: *“escolhi uma criança do Brasil, a Yasmin, por ter certa diferença com as crianças da escola e algumas semelhanças”*; e *“escolhi a criança Ana do Brasil por apresentar diferenças em relação às crianças da escola, mas a cultura é semelhante a nossa realidade”*.

Observamos, também, que as técnicas utilizadas são bastante semelhantes e estão relacionadas ao método de ensino naturalista. Ademais, considera-se que as abordagens realizadas com as crianças fazem parte de sua estruturação subjetiva.

As pesquisas (particularmente norte-americanas) vêm mostrando, de modo recorrente, que, em torno, aproximadamente, dos 4-5 anos as crianças já desenvolveram algum tipo de conceituação ou identificação racial (Fazzi, 2004). Porém, as professoras relataram que o tema da diferença de cor da pele não é questionado com frequência entre as crianças.

Pulino (2014) pontua na escola cidadã, ou seja, em uma escola ideal, as considerações de todas as pessoas são de fato diferentes, mas todas são iguais em direitos. Nos relatos as professoras pontuaram, em vários momentos, considerações que vão neste mesmo sentido. Elas colocaram que trabalham com as crianças frases chaves para facilitar a introjeção da diversidade utilizadas no dia a dia da sala de aula. São elas: *“cada um é um e tudo bem”*; *“a regrinha de se respeitar o próximo”*; *“todo muito é igual e precisamos respeitar as diferenças”*; *“ninguém é igual a ninguém”*.

Outro desafio a ser abordado refere-se ao que foi dito por todas as entrevistadas no momento em que se colocaram no lugar da criança de outra cultura que chega a uma nova escola, a uma nova sala de aula: *“o desejo em ser acolhida”*. Esse acolhimento no momento inicial foi trazido com unanimidade e relatado de forma bastante detalhada por elas. Ou seja, é um ponto que merece atenção por parte da escola, dos pais, das professoras e surpreendentemente, por parte dos colegas também.

COMENTÁRIOS FINAIS

Com o objetivo de analisar formas de abordar o tema da diversidade cultural humana com crianças de quatro e cinco anos, da Educação Infantil, de uma instituição particular de ensino, esta pesquisa interventiva verificou que o processo de construção do conhecimento educacional pode ser efetivo se participar do cotidiano do aluno. Além de ser apresentado a ele é importante que seja retomado a cada situação em que o tema da diversidade se faça presente. Salienta-se que o indivíduo é constituído por um processo de interação com a cultura e a sociedade tornando-se um ser histórico (PULINO, 2014). As diferenças percebidas entre si e o outro fazem parte da construção deste processo. Segue mais um relato para exemplificar este ponto: *“É uma via de mão dupla. Foi boa (a intervenção), pois serviu para uma reflexão”*.

Ademais, a pessoa que pesquisa está em busca de padrões para generalizações dentro do caso em estudo (KUDE, 1997). Neste trabalho, foi possível perceber que as participantes da pesquisa utilizam bem este método de aprendizagem em sala de aula e relataram abordar, durante todo o ano letivo, o conteúdo da diversidade humana.

Na amostra pesquisada observou-se o predomínio de educadoras do sexo feminino. Este fato ainda retoma a antiga história da educação infantil que era delegada às mulheres. Remete as dificuldades de avanços na cultura diferentemente que ocorre nas leis. Pois o fato de as crianças de quatro e cinco anos ainda serem parcialmente dependentes de alguns cuidados básicos reforça a presença massiva das mulheres nas instituições de ensino infantil.

Constatou-se que a escola é preocupada com a questão dos direitos humanos, contudo não é uma escola inclusiva. Fato que pode limitar o trabalho de aceitação da diversidade humana pois neste ambiente há pouca convivência com outras formas de diferença humana como portadores de necessidades especiais, dentre outros.

Durante a intervenção, algumas educadoras entrevistadas apresentaram resistência com relação ao desconhecido e às maneiras de se abordar esta questão em sala de aula, com crianças pequenas. Isso foi percebido, por exemplo, na escolha por dois exemplos de crianças do Brasil frente a várias outras possibilidades de escolhas, presentes no livro da UNICEF. Além disso, mesmo que as crianças façam questionamentos sobre diferenças, principalmente físicas, questiona-se a existência, no ser humano de lidar com o novo, o diferente, o não conhecido. No entanto, é o confronto com estes quisitos que faz com que a aprendizagem ocorra e, também, é um dos fatores que possibilita a estruturação subjetiva do *eu*.

Ademais, houve bastante coerência entre o método educacional proposto pela escola e os relatos sobre a forma como o conteúdo é abordado em sala de aula. Todas as professoras

tem graduação em pedagogia e relatam ter bastante apoio das coordenadoras e das psicólogas da escola. No mais, a participação dos pais esteve presente nos relatos mostrando uma parceria entre a instituição e a família. Verificou-se também que existem as ações planejadas e espaço para as ações que surgem das demandas das crianças.

Notou-se, ainda, que as educadoras estavam motivadas com relação ao tema pela quantidade de informações e exemplos trazidos. A sensibilização das educadoras no segundo exercício da segunda intervenção ficou clara com o próprio relato de uma das professoras.

Atenta-se para o fato de que, com a valorização da educação infantil no Brasil e o surgimento de novas leis relacionadas aos direitos humanos, passou-se a estudar mais a fase da vida em que ocorre o início da escolarização. No entanto, ainda existem poucas referências sobre a repercussão destes ensinamentos no desenvolvimento das crianças principalmente no que se refere a um assunto bastante recente na história do Brasil que é a prática dos direitos humanos. As pesquisas relacionadas à educação infantil são raras e recentes, e, mesmo assim, se circunscrevem principalmente ao ensino fundamental. Por esse motivo, sugerem-se mais estudos na área da educação infantil com foco para a diversidade humana. Se a formação da subjetividade ocorre desde a infância então, é preciso que a formação do cidadão também ocorra em paralelo a este processo.

Conclui-se que o quadro geral que emerge desse estudo aponta para uma situação dinâmica apresentada por todas as vertentes da questão da diversidade representando ainda desafios tanto para os professores quanto para os (futuros) cidadãos – sejam eles alunos ou não!

REFERÊNCIAS

Bee, H.; O desenvolvimento do pensamento da criança, capítulo A crianças em desenvolvimento, pg 191.

Bento, Maria Aparecida Silva, organizadora. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

Cavalcante, M.B. (2008) <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1099279>. Acesso em 8/10/15.

DE MARCO, M. A.; Do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial: um projeto de educação permanente. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, abr. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022006000100010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 31/5/2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022006000100010>.

Demo, P.; Pesquisa e Informação Qualitativa. Papyrus Editora, 2001 - 135 páginas.

Kuhlmann Jr., M.; Histórias da educação infantil brasileira; Revista Brasileira de Educação, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14, pg 15. Site: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02>. Acessado em 20/10/15.

Kude, Vera Maria Moreira. "Como se faz um projeto de pesquisa qualitativa em psicologia." Psico 28.1 (1997): 9-34.

Ministério da Educação; Guias de Livros Didáticos – PNLD, 2008 site: www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html#guia; acesso em 21/9/15.

Nascimento, W.F. e Delmondez, P.; Sujeitos da diversidade. 2015

Pulino, L. H. C. Z.; Tornar-se humano e os Direitos Humanos; 2014.

Pulino, L. H. C. Z.; Educar pela e para a cidadania, na perspectiva da Educação em e para os Direitos Humanos; 2014.

Pulino, L. H. C. Z.; Diversidade Cultural e Ambiente Escolar: Diversidade cultural, singularidade e processos de desenvolvimento e aprendizagem. 2014.

Skliar, C.; A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”; Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003. Site: http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/03_skliar.pdf. Acesso em 9/9/2015.

Silvério, V. R.; Trabalhando a Diferença na Educação Infantil, Ed. Moderna.

Smith, P. e Shalev, Z.; Escolas como a sua: um passeio pelas escolas ao redor do mundo. UNICEF, 2007. Editora Ática.

Sousa, J.V.; Atualizações na lei de diretrizes e bases da educação. 2014.

Sousa, J. V.; Atualizações Na Lei De Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 11.645/2008: história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. 2014.

ANEXOS

Anexo A

Roteiro de Entrevista

Informações pessoais: idade, sexo, formação, anos de formação, tempo de contratada pela escola, tempo em que trabalha com educação do primeiro período.

- 1- Como você trabalha o tema do respeito à diversidade humana dentro da sala de aula?
- 2- Qual é a reação mais frequente dos alunos que você observa em relação a este tema?
- 3- Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando falo em direitos humanos e diversidade?
- 4- Que métodos você utiliza para sensibilizar as crianças para a importância do respeito mútuo? E o respeito ao diferente?
- 5- Facilitadores e dificultadores em relação ao tema?
- 6- Cite um caso concreto em que a criança apresentou dificuldade em relação ao tema e como esta dificuldade pode ser observada e trabalhada.
- 7- Em sua opinião, qual o objetivo de ensinar o tema da diversidade humana para crianças tão pequenas?
- 8- Em sua opinião, existe uma forma melhor de abordar este conteúdo?

Anexo B

Roteiro da Ação Interventiva

1. *Rapport*

Esta primeira atividade tem como objetivo ir aproximando a pesquisadora e as participantes, a fim de criar um ambiente descontraído de fala, retomando alguns aspectos levantados nas entrevistas.

2. *História*

Foi proposto que cada educadora folheie o livro da UNICEF – *Escolas como a sua: um passeio pelas escolas ao redor do mundo* e após escolher uma criança que tenha curiosidade para saber mais a respeito de sua vida escolar a pesquisadora lê a história daquela criança escolhida.

3. *“Como se...”*

Nesta dinâmica, as professoras serão convidadas a fazerem de conta que a criança escolhida no livro está em sua sala de aula e relatar como seria acolhê-la e facilitar seu entendimento sobre a diversidade cultural humana. A questão colocada foi: se você fosse a professora deste aluno o que seria fundamental para acolhê-lo e como isto poderia ser viabilizado?

Em seguida, as professoras fizeram o exercício de se colocarem no lugar desta criança, pensando como seria se elas fossem essa criança. De que forma elas gostariam de ser acolhidas. A questão foi: E se esta criança que estivesse chegando a sua sala de aula fosse você. Como gostaria de ser recepcionada? Que perguntas você faria a professora e aos outros colegas? Gostaria de mudar a forma como acontece atualmente?

4. *Comentários finais*

Para que as professoras falem sobre como se sentiram, e como foi se colocar no lugar das crianças.

Anexo C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Instituição

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, Danielle Matos de Hollanda, estudante do Curso de Especialização Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural – EEDH, vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Psicologia da Universidade de Brasília, solicito a autorização e o apoio da Escola para entrevistar as professoras do primeiro período da Educação Infantil visando realizar a construção das informações para este estudo. A pesquisa tem como objetivo analisar formas de abordar o tema da diversidade cultural humana com crianças de quatro e cinco anos, da Educação Infantil, de uma instituição particular de ensino.

Ressalte-se que todas as informações prestadas no âmbito desta pesquisa são de livre consentimento dos/as participantes e são, absolutamente, confidenciais, não sendo divulgados os nomes dos entrevistados/as, ou quaisquer outros informantes.

Qualquer contato com o pesquisador/a poderá ser feito pelo telefone (61) 8128-8263 ou pelo seguinte e-mail: danimh2012@gmail.com

Agradecemos antecipadamente a colaboração.

Atenciosamente,

Nome: Danielle Matos de Hollanda
Estudante do EEDH - SECADI-MEC
Orientador/a: Taísa Resende Sousa

Anexo D

Carta de apresentação às entrevistadas e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Danielle Matos de Hollanda**, matriculada/o no Curso de Especialização Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural – EEDH, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação do/a **Prof^a. Ms. Taísa Resende Sousa** realizo pesquisa intitulada A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA DA DIVERSIDADE CULTURAL COM CRIANÇAS.

O trabalho de campo consiste na realização de entrevistas com quatro professoras da Educação Infantil e um segundo momento de nova intervenção seguida de devolução.

Assim, solicitamos sua compreensão e participação nas entrevistas.

Todas as informações prestadas no âmbito desta pesquisa são de livre consentimento dos participantes, nos comprometemos a manter sigilo quanto ao nome dos/as respondentes.

Qualquer contato com a pesquisadora poderá ser feito nos seguintes telefones: (61) 8128-8263. Disponibilizamos também o seguinte e-mail: danimh2012@gmail.com

Atenciosamente,

Nome **Danielle Matos de Hollanda**

Orientador/a: Taisa Resende Sousa

EEDH - SECADI-MEC

Anexo E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante:

Sou estudante do curso de pós-graduação na Faculdade de Psicologia da Universidade de Brasília - UnB. Estou realizando uma pesquisa sob a supervisão da professora Taísa Resende Sousa, cujo objetivo é analisar formas de abordagem do tema da diversidade cultural humana com crianças de quatro e cinco anos, da Educação Infantil.

Sua participação envolve uma entrevista de intervenção em dupla, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de quarenta minutos.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la e a escola.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisadora telefone: 8128-8263.

Atenciosamente

Nome e assinatura da estudante

Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

Anexo F

10

Américas

Maria, do Peru

Maria mora em Pampacancha, um povoado peruano na região dos Andes. A maioria das pessoas daqui vive dos alimentos que cultiva. Os pais de Maria são separados. A mãe dela mora e trabalha a 50 km do povoado, na cidade de Huaraz.



Pampacancha fica na Cordilheira onde há picos de mais de 5.000 m de altura e raramente cai neve ou ch



Este cãozinho ainda não tem nome.

Família

Maria e seu irmão, Eliseo, moram com a avó, duas tias, um tio e dois primos pequenos.



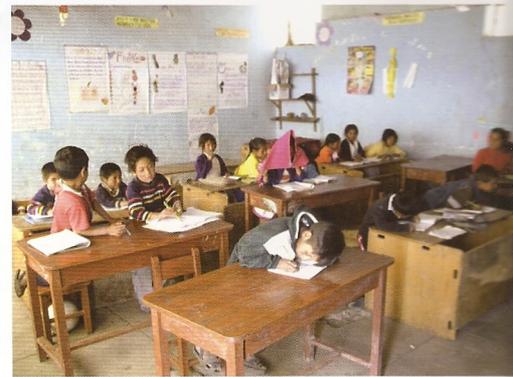
Educação para todos

O governo está incentivando as famílias rurais a mandar as crianças na escola, em vez de fazê-las trabalhar em casa. Este município de Pampacancha tem uma escola de Maria. Ela diz: "Meninas e meninos têm de estudar".



A vista ao fundo da escola é de tirar o fôlego: a Cordilheira Branca, com seus picos distantes e cobertos de neve.

Maria tem 10 anos e é mais velha do que o resto da turma. Ela está recuperando o ano que perdeu quando morou em Huaraz com a mãe.



Línguas

Maria copiou as palavras de uma canção em língua *quêchua*. As escolas só ensinavam em espanhol, mas as crianças *quêchua*, muitas vezes, não conseguiam acompanhar as aulas e desistiam. Agora, aprende-se nas duas línguas.



Wara
Calças



ruripa
Saia



Warmipa Tsukurun
Chapéu de homem



Ulla

meio da
as ganham
o vitaminado,
governo. Esta
ção que elas



Pão
vitaminado



A comida
é uma boa
razão para
ir à escola.



Todo mundo se espreme em volta do primeiro e único computador da escola. Eles estão bem animados com a novidade.

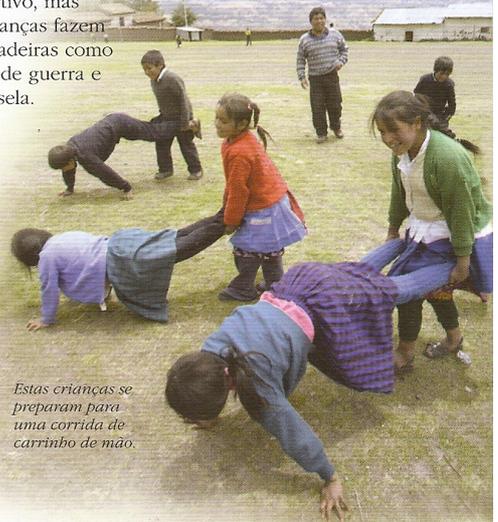
Aulas ao ar livre

Às vezes, o professor leva a turma para uma aula no campo. É uma chance de aprender coisas práticas, como plantar e cultivar ou cuidar de animais domésticos como ovelhas, vacas e galinhas, dos quais as pessoas de lá dependem.



“Hoje usei um computador pela primeira vez. Foi emocionante! O computador é em espanhol, mas costumamos falar quéchua na aula.”

Não há material esportivo, mas as crianças fazem brincadeiras como cabo de guerra e pula-sela.



Estas crianças se preparam para uma corrida de carrinho de mão.

Uma olhada de perto nas galinhas.

Ajudando em casa

Depois da escola, Maria e Eliseo ajudam a avó a colher trigo para a refeição principal. Em seguida, usam a água desta bica para lavar o trigo e remover o joio. Mais tarde, Maria ajuda a avó a lavar um pouco de roupa.



Dia a dia

A escola de Maria fica a poucos minutos de casa. Quando for cursar o ensino médio, ela terá de andar até outra cidade, levando uma bora para descer a montanha, todas as manhãs, e duas para subir de volta, à tarde.

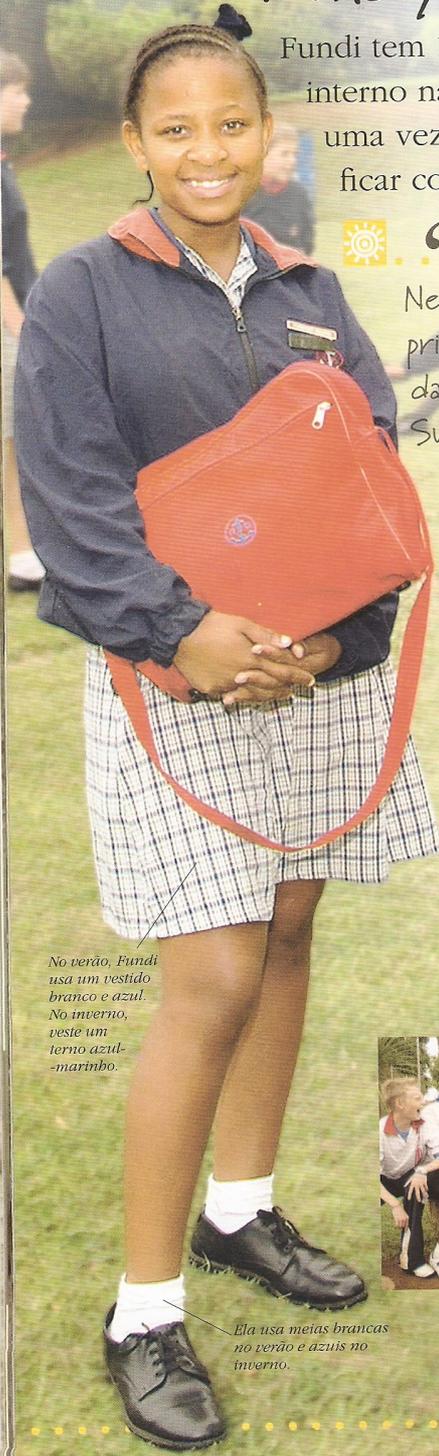
Anexo G

26

África

Fundi, da África do Sul

Fundi tem 12 anos e frequenta um colégio interno na cidade de Richmond. Ela sai de lá uma vez a cada três semanas e vai para casa ficar com a família.



No verão, Fundi usa um vestido branco e azul. No inverno, veste um terno azul-marinho.

Ela usa meias brancas no verão e azuis no inverno.



“Meu herói é Nelson Mandela, o primeiro presidente da nova África do Sul.”

Nelson Mandela lutou contra o apartheid, política que segregava as pessoas pela cor.



Começo do dia

Fundi acorda às 6h e come ovos e um mingau típico no café-da-manhã. Normalmente, ela veste uniforme, mas no Dia do Mercado ela pode pôr suas próprias roupas.



Vida no dormitório

Fundi divide o alojamento com outras nove garotas. Elas não podem conversar depois que as luzes se apagam, às 20h30. Às vezes, ela demora para conseguir dormir.



Depois da aula, Fundi e os amigos se encontram num banco no pátio da escola. É a oportunidade que eles têm de pôr os assuntos em dia. Fundi acha que os meninos são divertidos e gosta de estudar com eles.



Dias esportivos

Fundi pratica esportes quase todos os dias. Há uma piscina na escola, e ela gosta de nadar mesmo quando a água está gelada. Ela faz parte do time de natação. Também há aulas de futebol e críquete, mas só para os meninos.



Pietermaritzburg

A escola de Fundi fica nos montes da periferia de Richmond, perto da cidade de Pietermaritzburg. É perto de muitos colegas dela e do ensino médio.



O sistema da escola

Fundi tem um professor diferente para cada matéria, e ela gosta de estudar com eles. Esta é a senhorita Mkhize, que ensina a língua zulu e *netball*. Metade dos estudantes na classe de Fundi são meninas e metade deles são alunos internacionais.



No Dia do Mercado, Fundi e os outros alunos vendem alimentos e artesanato. Eles também fazem tarefas domésticas para ajudar a pagar os custos da escola e ganhar um pouco de dinheiro para comprar comida.



Fundi é uma boa jogadora de xadrez. Ela faz parte da equipe de xadrez da escola e compete em torneios.



Na sala de aula, os alunos aprendem a trabalhar em grupo e a resolver problemas juntos.

Anexo H

12

Américas

Yasmin, do Brasil

Yasmin tem 11 anos e vive num bairro pobre do Rio de Janeiro. A classe dela tem 32 crianças, mas não há professores suficientes. Também não há computadores para os alunos usarem.



Dias de aula
Normalmente, Yasmin tem de ir para a escola das 7h30 até o meio-dia porque faltam prof



Vida em família

Yasmin tem 4 irmãos e 3 irmãs. A avó das crianças cuida delas enquanto a mãe está trabalhando.



Yasmin e sua mãe adoram ursinhos de pelúcia.



Aprendizado divertido

Uma aluna de 15 anos lê uma história para as crianças. O objetivo dessas aulas é despertar o interesse das crianças pela leitura.



“Minha aula preferida é a de inglês. É importante saber falar outras línguas.”

Yasmin gosta muito de aprender a tocar samba nas aulas de percussão. As escolas de samba do Rio têm centenas de integrantes na ala da bateria.

O almoço de hoje é massa com salsicha.



Hora do almoço

As crianças recebem uma refeição gratuita: pode ser feijão com arroz, frango com batata, macarrão com salsicha...



A escola oferece aulas de dança para a comunidade.

Yasmin brinca no lado de fora da sua casa.

Ela depende



Anexo I

Américas

13

“Espero ir para a universidade e ser de moda.”

Ana, do Brasil

Ana também vive no Rio, e sua matéria preferida é história. Na escola, os alunos praticam esporte semanalmente. E ainda costumam ir a museus e viajar para fora do país.



Ajudando os outros

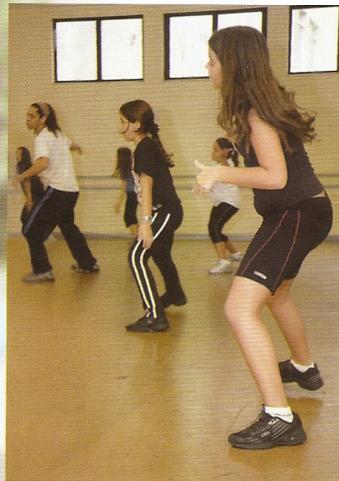
Ana tem a sorte de frequentar uma boa escola. Os alunos angariam dinheiro para uma instituição que oferece a crianças pobres um lugar para estudar, comer uma boa refeição e dormir. Duas vezes por ano, eles visitam as crianças.



Ana é filha única e mora num apartamento com seus pais.



Ela leva meia hora para chegar à escola de ônibus.



Ana faz aulas de dança de rua. Ela começou quando tinha 5 anos e, apesar de ainda gostar das aulas, está começando a ficar um pouco desanimada.



A mais recente tecnologia

A escola é bem equipada. Os alunos utilizam bastante os computadores, nas aulas e para fazer provas.



Os livros de Inglês de Ana.

Ana gosta do RBD, uma banda mexicana que também canta em português.

Depois de fazer a lição, ela navega na internet no computador do seu quarto.

Ana e a mãe conversam na cozinha. Quem limpa a casa é a empregada da família.



Uma das bonecas de cerâmica e um CD do RBD.

